

Desejo de higiene e dispersão em Baudelaire

(a partir de notas sobre ocasião, medida e efeitos do haxixe segundo este autor)

Teodoro Rennó Assunção*

Aos eventuais usuários crédulos e ingênuos do haxixe que se sentissem marotamente justificados pela exortação que dá título ao pequeno poema em prosa de Baudelaire “Embriagai-vos!” (“Enivrez-vous”), seria preciso primeiro sugerir que atentassem bem para a resposta de Baudelaire à pergunta elementar: “Mas com o quê? Com vinho, poesia ou virtude, à vossa vontade” (BAUDELAIRE, 1966, p. 188)¹, a qual, como se vê, não inclui o haxixe, mas propriamente como droga apenas o vinho, cujas virtudes positivas de sociabilidade e disposição para agir são um contraponto às características negativas opostas do haxixe na comparação feita por Baudelaire entre as duas drogas no ensaio “Du vin et du haschisch, comparés comme moyens de multiplication de l’individualité” (“Do vinho e do haxixe comparados como meios de multiplicação da individualidade”). Caberia ainda, porém, lembrar que o objetivo da embriaguez aí formulado por Baudelaire – o de “não sentir o horrível fardo do Tempo que quebra vossos ombros e vos inclina para a terra”, o de “não ser os escravos martirizados do Tempo” (BAUDELAIRE, 1966, p. 188) – será mais tarde, nas reflexões morais dos *Journaux intimes* (*Diários íntimos*), teoricamente realizado por um único operador, já aqui prenunciado nas drogas não-literais que são a poesia ou a virtude, o *trabalho*.

Mas também a uma quase óbvia crítica da primeira e algo simplista proposição deste pequeno poema em prosa de Baudelaire: “É preciso estar sempre embriagado.” (BAUDELAIRE, 1966, p. 188), segundo os parâmetros mais precisos (e tão apreciados por um certo pensamento moral grego antigo que os nomeou) da ocasião favorável (o *kairós*) e da medida ou dosagem (o *métron*), seria preciso acrescentar que os dois ensaios de *Les paradis artificiels* (*Os paraísos artificiais*) que tratam do haxixe (o 1º) e do ópio (o 2º) são bem mais sóbrios e circunstanciados na consideração destas duas questões fundamentais (ainda que eles não os tematizem tão nitidamente quanto se poderia esperar, p. ex., no formato do pensamento moral grego antigo) e que jamais eles fazem a proposição prática – algo absurda em um contexto de ensaio moral (e, portanto, de experiência direta) que já não participa da total liberdade de imaginação de um poema em prosa – de “estar sempre embriagado”.

A primeira parte deste ensaio (intitulada “Ocasião, medida e efeitos do haxixe segundo Baudelaire”) visa justamente a precisar o modo sóbrio como Baudelaire trata, nos *Paradis artificiels*, das questões

* Professor-adjunto da Faculdade de Letras da UFMG autor de “Ensaio de escola” (2003) e “Autociografias” (2006).

¹ Sempre que a referência for a um texto não traduzido (como os em prosa citados de Baudelaire), a tradução é de minha responsabilidade. As eventuais e ligeiras modificações de traduções serão também indicadas.

² Dos *Journaux intimes* (em português *Diários Íntimos*) – título, segundo os editores Jacques Crépet e Claude Pichois, mal justificado, “já que se procuraria aí em vão a relação cotidiana e seqüenciada que implica um diário” – J. Crépet e C. Pichois dão a seguinte descrição dos manuscritos (remetidos, após a morte de Mme Aupick, a Charles Asselineau que não os incluíra nas *Œuvres complètes* de Baudelaire que ele preparava em 1867 e que os deu de presente a Poulet-Malassis): “Destes papéis – notas em folhas separadas, ora tendo várias páginas, ora somente algumas linhas, ora redigidas a tinta, ora a lápis preto, vermelho ou azul, – a maior parte portava no alto seja a menção: *Fusées* ou *Fusées-Suggestions*, seja a menção: *Mon cœur mis à nu*. Poulet-Malassis reteve apenas estes dois títulos e formou dois maços onde ele fez entrar todos os papéis (...)” (BAUDELAIRE, 1952, p. 171), donde os títulos *Fusées* e *Mon cœur mis à nu* (tirados, como sabemos, de Edgar Allan Poe), o primeiro cobrindo os anos de 1855-1862, e o segundo, os de 1859-1866, ambos provavelmente destinados à publicação (BAUDELAIRE, 1952, p. 175). Ora, o bloco de fragmentos “Hygiène” foi, até a edição dos *Journaux intimes* de Jacques Crépet de 1938, erroneamente incluído como seção final de *Mon cœur mis à nu* (onde ela

da ocasião e da medida no uso do haxixe e, intimamente associada a elas, da questão dos efeitos negativos – a paralisia da vontade e a dispersão – desta droga. Este ensaio, portanto, está menos facilmente fascinado pelas transformações perceptivas e intelectivas do usuário de haxixe descritas nos capítulos 3 e 4 de “Le poème de haschisch” (“O poema do haxixe”), e leva a sério a contundente crítica moral do uso do haxixe feita por Baudelaire na introdução e na conclusão do seu ensaio sobre esta droga, não mais a desprezando, tal qual eu fizera em “Do uso profano da *cannabis*”, como equivocado modo de pensar cristão (Cf. ASSUNÇÃO, 1993, p. 68), mas aproximando-a positivamente da sobriedade tanto de alguns termos ou conceitos (a *ocasião* e a *medida*) do pensamento moral grego antigo quanto do testemunho contemporâneo insuspeito de Henri Michaux.

Mas foi o reencontro repetido nos *Journaux intimes* de Baudelaire (sobretudo no bloco “Hygiène”) do mesmo voto, formulado na conclusão de “Le poème du haschisch”, de uma dieta ascética composta por trabalho, orações e abstinência de drogas, que me levou à suspeita da continuidade da ausência (donde o desejo) destes elementos na vida cotidiana de Baudelaire, o que talvez permitisse considerar os efeitos negativos do haxixe como uma imagem possível (mas não necessariamente os causadores) dos estados de ânimo melancólicos ordinários do poeta. Restava, no entanto, pensar também, a partir de uma sugestão de Erich Auerbach, o quanto estes estados de desânimo constituíam simultânea e ambigüamente o objeto mesmo das descrições não só de alguns poemas importantes de *Les fleurs du mal* quanto das reflexões morais de *Les paradis artificiels* e dos *Journaux intimes*, ou seja: algo sem o qual a obra de Baudelaire em sua especificidade não existiria. Estes dois pontos foram desenvolvidos na segunda parte deste ensaio (“Desejo de higiene e dispersão em Baudelaire”), a qual, por seu peso e por ser dele a finalização, dá título ao conjunto, e a qual, por sua maneira mais complexa e avançada de formulação das questões morais em Baudelaire, mobilizou necessariamente não só a leitura de outras obras do poeta – os *Petits poèmes en prose* (*Pequenos poemas em prosa*), o ensaio sobre a obra e a vida de Delacroix, *Pauvre Belgique!* (*Pobre Bélgica!*) e algo da correspondência com a mãe – como também um pequeno aparato crítico de comentadores e filólogos, o que fez com que as notas de pé-de-página se multiplicassem e inchassem às vezes em demasia, dando a esta parte final um indifereçável (ainda que um pouco postiço) halo erudito e acadêmico, ao qual se contrapõe – com ele formando uma disjuntiva unidade – o modo mais direto e quase jornalístico da primeira parte.

1ª Parte Ocasião, medida e efeitos do haxixe segundo Baudelaire

Ainda que Baudelaire se concentre na maior parte de seu ensaio “O poema do haxixe” (sobretudo os dois capítulos mais largos: o 3, “O teatro de Serafim”, e o 4, “O homem-deus”) na descrição detalhada dos efeitos orgânicos e anímicos desta droga, assim como na introdução (1, “O gosto do infinito”) e na conclusão (5, “Moral”) – que servem, pois,

de enquadramento ao conjunto – ele se coloca de maneira mais genérica a questão moral dos ganhos e perdas no uso desta droga, ele não deixará de aludir à decisiva questão da ocasião – intimamente associada à do lugar (tempo e espaço compondo, portanto, uma unidade) – favorável ao consumo do haxixe.

Após haver sugerido – com a prudência prática de quem visa o efeito mais contundente – que o extrato de haxixe seja dissolvido em café negro e que o experimentador esteja à tarde ou no começo da noite em jejum e só deixe para jantar às dez horas da noite (neste entretanto tomando no máximo uma sopa leve), ele diz então como se se tratasse de uma evidência (para os que sabem por experiência):

“Presumo que você tenha tido a precaução de escolher bem teu momento para esta expedição aventureira. Toda farra (*débauche*) perfeita tem necessidade de um perfeito lazer. Você sabe, por outro lado, que o haxixe cria a exageração não somente do indivíduo, mas também da circunstância e do meio; você não tem [isto é: *não deve ter*] deveres a cumprir exigindo pontualidade e exatidão; você não tem aborrecimentos de família, nem sofrimentos de amor. É preciso tomar cuidado com isso. Este aborrecimento, esta inquietude, esta lembrança de um dever que reclama tua vontade e tua atenção em um minuto determinado, viriam soar como um sino fúnebre através de tua embriaguez e envenenariam teu prazer. A inquietude tornar-se-ia angústia; o aborrecimento, tortura. Se, observadas todas estas condições prévias, o tempo está bom (*beau*), se você está situado em um ambiente favorável, como uma paisagem pitoresca ou um apartamento poeticamente decorado, se, além disso, você pode contar com um pouco de música, então tudo está para o melhor”. (BAUDELAIRE, 1966, p. 37-38).

Se a sugestão baudelairiana do ambiente favorável, tão ao gosto do séc. XIX, pode hoje – a alguém formado na lição contemporânea de despojamento funcional à la Bauhaus (Cf. ASSUNÇÃO, 1993, p. 76) – parecer algo afetada e anacrônica, não o será tanto a idéia de uma familiaridade e de um *à vontade* com o ambiente que implicam em uma certa disponibilidade e na ausência de perturbações próprias ao espaço público e ao mundo do trabalho. Também o momento adequado ou propício para o consumo do haxixe é definido basicamente pela ausência do trabalho (ou de obrigações): ele deve ser um tempo livre, liberado (destes), ou seja: *lazer*. Qualquer dever a cumprir exigindo pontualidade, isto é: qualquer tarefa prática poderia perturbar a embriaguez, assim como qualquer aborrecimento de família (ou sofrimento de amor). Ora, tais restrições fazem, por um lado, pensar na figura extraordinária (tomada como exemplo por Baudelaire) do literato boêmio e diletante como o tipo ideal do experimentador, mas, por outro lado, elas parecem implicitamente advertir que para a maioria ordinária que precisa trabalhar para viver ou tem coisas práticas a resolver, assim como pode estar comumente afetada por aborrecimentos de família, o consumo de haxixe será uma possibilidade rara e luxuosa,

ainda está, por exemplo, na edição de 1951 das *Œuvres complètes* de Baudelaire da Coleção Pléiade). J. Crépet e C. Pichois justificam assim a restituição deste bloco ao conjunto de *Fusées*: “Esta restituição resulta da revisão dos textos que foi efetuada em 1938. Percebeu-se então que a edição de Van Bever, que fazia fé desde 1919, estava maculada de várias infidelidades. Van Bever tinha afirmado que cada um dos fragmentos de *Mon cœur mis à nu* estava acompanhado deste título.) Ora, das oito notas que ele tinha, à maneira de Poulet-Malassis, colocado no fim desta coletânea, nenhuma porta este título no manuscrito. Em compensação, uma delas está intitulada não *Hygiène, Projets*, como se lê em sua edição (BAUDELAIRE, 1952, p. 102), mas *FUSÉES, Hygiène, Projets* – é aquela que contém a cruel confissão datada de 18 de janeiro de 1862 –; uma outra (XVII) que tem por título *Hygiène, Conduite, Morale* mostra, mais ou menos no meio, a rubrica *FUSÉES*, omitida uma segunda vez em 1919. Parece então certo: 1º) Que a seqüência de fragmentos portando,

com variantes, o título “*Hygiène, Conduite, Morale*” deve ser restituída a *Fusées*, 2º) Que a crise mística de que ela dá testemunho tão pateticamente deve ser referida não aos últimos anos de Baudelaire, mas mais ou menos ao ano de 1862, aquele da confissão dilacerante.” (BAUDELAIRE, 1952, p. 215-216).

Uma vez feitas estas precisões filológicas, caberia dizer que os editores J. Crépet e C. Pichois reconhecem sensíveis diferenças de ênfase e tom nos dois conjuntos [“Em suma há de *Fusées* a *Mon cœur mis à nu* a mesma diferença de registro que da tristeza à cólera, do pessimismo ao azedume, da queixa à raiva, do sarcasmo à injúria.” (BAUDELAIRE, 1952, p. 176)], mas não descartam a possibilidade de que, se Baudelaire tivesse tido mais tempo de vida, ele poderia ter organizado o todo dos dois conjuntos em apenas um volume, como parece sugerir o fato de que apenas o título *Mon cœur mis à nu* tenha figurado no contrato de 1863 com Hetzel e que, a partir deste mesmo ano, o título *Fusées* tenha desaparecido da sua correspondência. (*Ibidem*). Mas é a primeira definição comum do material heterogêneo destes dois cadernos (ou montes de folhas) que parece sugerir melhor a situação de vida dispersa e desesperada (em que o autor, já não conseguindo produzir grandes trabalhos, se esforça agonicamente em salvar alguma coisa) em que eles foram gerados: “Na realidade, como o disse Octave Uzanne, trata-se aqui de Ca-

deixada apenas para férias, feriados ou fins-de-semana, e mesmo assim com os arranjos necessários para que a embriaguez ou devaneios não sejam penosamente interrompidos.

No entanto, no caso do literato diletante, o desejo da disponibilidade de tempo necessária para o consumo de haxixe poderia coincidir com o desejo da disponibilidade necessária – que os gregos chamariam de *skholé* e os latinos de *otium* – para a pesquisa das sensações e suas analogias, da linguagem discursiva em sua materialidade, das conexões entre elementos díspares para a criação de imagens poéticas, e da imaginação para a configuração do ainda inexistente – ou seja: para aquilo que poderíamos chamar de trabalho poético ou literário (ou, ao menos, uma de suas fases: a da experimentação e coleta de material), mas, ainda aí, como veremos, Baudelaire é cético quanto à possibilidade real de utilização prática destes experimentos, acentuando antes o desperdício e a perda de energia.

Por sua vez, a questão da medida (ainda que, de algum modo, implícita na consideração mais genérica sobre o hábito ou o vício) não chega a ser tematizada enquanto tal, nem desenvolvida autonomamente nas suas duas modalidades básicas: a dosagem e a frequência. Mas Baudelaire não deixa de tratar delas de passagem ou indiretamente, sendo a frequência um critério decisivo na definição e avaliação moral dos modos de uso.

As referências indiretas à questão da dosagem aparecem logo no segundo capítulo (“O que é o haxixe?”) quando Baudelaire parece privilegiar a maior concentração do poder tóxico como meio mais eficaz de obtenção dos efeitos que alteram a percepção da realidade e o pensamento do experimentador (ou embriagado). Assim a *cannabis indica* ou haxixe é preferida ao cânhamo francês, e dentre as diferentes *cannabis indicae* (as mais famosas sendo as do Egito, de Constantinopla, da Pérsia e da Argélia) a de Bengala é a mais prezada pelos conhecedores. Assim também, sendo apenas quando está em flor que o “cânhamo índico” possui sua maior energia, serão usadas nos preparados apenas suas extremidades floridas que serão fervidas com manteiga para a obtenção de sua essência sob a forma de um extrato oleoso que, misturado com baunilha, canela ou amêndoas para tornar o seu aroma mais agradável, pode ser tomado como balinhas (*o damawesk*) de 15, 20 ou 30 gramas cujo poder tóxico é concentrado. A hipótese ou opção de uso por meio da inalação da fumaça parece desacreditada por uma razão semelhante: “Em Constantinopla, na Argélia e mesmo na França, algumas pessoas fumam haxixe misturado com tabaco; mas então os fenômenos em questão se produzem apenas sob uma forma muito moderada e, por assim dizer, preguiçosa.” (BAUDELAIRE, 1966, p. 34).

Já a questão de uma frequência qualquer – que escape à esfera dos experimentos isolados – parece de princípio colocada sob suspeita por Baudelaire que sobriamente desconfia da capacidade de controle do usuário face ao fascínio funesto da droga e sua ação negativa e dissolvente no que diz respeito precisamente à vontade e à capacidade de ação do embriagado: “(...) pode-se afirmar que um homem incapaz de ação e apto somente para os sonhos se portaria verdadeiramente bem, ainda que todos os seus membros estivessem em bom estado? Ora, nós conhecemos o bastante a natureza humana para saber que um homem

que pode, com uma colherada de um preparado, se proporcionar instantaneamente todos os bens do céu e da terra, não ganhará jamais sua milésima parte pelo trabalho.” (BAUDELAIRE, 1966, p. 68)

Por analogia podemos ver no caso de Thomas De Quincey com o ópio o modo como um pretenseu autodomínio [ele usa, durante oito anos (de 1804 a 1812), o ópio apenas uma vez por semana, no sábado à noite, ou se mais de uma vez, sempre com alguns dias de intervalo] se degenera facilmente em uso cotidiano e necessidade imperiosa. Mas, no ensaio sobre o haxixe, ele deixa adivinhar por sua ironia o que ele pensa das tentativas de controle ou moderação do uso de um habituado (*habitué*) conhecido (o mesmo que, num acesso de delicadeza excessiva, de medo de importunar um farmacêutico acaba se fazendo vexantemente expulsar da farmácia): “Ele continuou a demandar ao preparado maldito a excitação que é preciso encontrar em si mesmo; mas como é um homem prudente e bem situado, *um homem do mundo*, ele diminuiu as doses, o que lhe permitiu aumentar sua freqüência. Ele apreciará mais tarde os frutos *podres* da sua higiene.” (BAUDELAIRE, 1966, p. 43, o grifo é meu).

Mas é quando Baudelaire considera a possibilidade do uso do haxixe como meio ou instrumento de investigação para o poeta ou pensador, que ele toca rapidamente na questão do hábito (ou seja: de uma alta e forçosa freqüência) para imediatamente e sem hesitação condená-lo: “Enfim é preciso pensar [– mesmo admitindo a possibilidade de um homem hábil e forte o bastante para utilizar, mesmo com a vontade enfraquecida, os dons ampliados da imaginação –] em um outro perigo, fatal e terrível, que é o de todos os hábitos (*accoutumances*). Todos se transformam logo em necessidades. Aquele que recorre à um veneno *para* pensar, em breve não poderá mais pensar *sem* veneno. Pode-se imaginar a sorte terrível de um homem cuja imaginação paralisada não saberia mais funcionar sem o auxílio do haxixe ou do ópio?” (BAUDELAIRE, 1966, p. 71).

Ora, se imaginarmos um momento a hipótese – que Baudelaire julga improvável – de uma escolha acertada (e sob controle) não só da ocasião mas também da dosagem e da freqüência no consumo do haxixe, caberia então a questão (voltada de maneira mais neutra para os efeitos mesmos da droga): quais os seus benefícios e quais os seus prejuízos? Ou ainda: pesados os prós e os contras, valeria a pena sua utilização isolada (isto é, sem o risco do vício)?

Também a esta questão – como se pode já pressentir – Baudelaire responde negativamente. É certo que todo o miolo descritivo (ou seja: os capítulos 3 e 4) do ensaio sobre o haxixe revela o fascínio que a droga pode exercer sobre um poeta ou pensador, e relativiza assim – acentuando (talvez involuntariamente) a ambigüidade do *phármakon* – a crítica e condenação final desta droga. Mas não podemos também simplesmente esquecer ou suprimir – como se se tratasse de uma mera formalidade ou disfarce moralista – esta contundente crítica (que coincide basicamente com a que é feita no ensaio comparativo sobre os efeitos do vinho e do haxixe). Assim, se Baudelaire parece reconhecer na embriaguez haxíxica, como já o indicamos, o aumento extraordinário da acuidade sensorial, assim como da capacidade de espanto ou admiração (que não seria desprezível para o estudante ou pesquisador), ou ainda da faculdade de estabelecer conexões e analogias e também

ternos de mesma substância ou quase a mesma que os *Disjecta membra* de Barbey d'Aurevilly ou o famoso *Garde-manger* de Balzac, isto é: reunindo elementos bem diversos: pensamentos principalmente, às vezes revestidos de uma forma acabada e às vezes em estado embrionário, esboços e planos usados ou não na obra, expressões, frases ou passagens consignadas por seu pitoresco ou seu bem achado, reflexões sem dúvida nascidas de alguma leitura, e até mesmo indicações rememorativas de uso prático, etc. (...).” (BAUDELAIRE, 1952, p. 171-172).

³ Cf. BENJAMIN, Walter: “Nietzsche diz: ‘Gosto dos pequenos hábitos’, enquanto Baudelaire era incapaz de desenvolver hábitos fixos em seu dia-a-dia.” (BENJAMIN, “Parque central”, 1985, p. 128)

⁴ Os editores Jacques Crépet e Claude Pichois, nos “Éclaircissements et variantes” do vol. II de *Juvenilia – Œuvres Posthumes – Reliquæ des Œuvres complètes* de Baudelaire (Paris: Éditions Louis Conard, 1952), citam em “Nota” sobre estes dois fragmentos aforísticos os seguintes trechos da *Correspondência* de Baudelaire: “...Quando tenho a infelicidade de negligenciar um dever,

no dia seguinte o dever é mais difícil de ser cumprido... ele se torna em seguida, de dia para dia, cada vez mais difícil, até que enfim o dever me aparece como uma coisa impossível de ser executada..." (*A sua mãe*, 25 de dezembro de 1861). "É uma coisa resolvida (*parti pris*), creio, em todos os homens, de jamais fazer, até a hora dita, o que eles têm para fazer. Este reproche contra todo o mundo é bizarro em minha boca... – Mas eu me aplico todos os dias a me corrigir." (*A Ancelle*, 13 de novembro de 1864). (BAUDELAIRE, 1952, p. 218).

⁵ A este breve aforismo (ou anotação) os editores J. Crépet e C. Pichois, nos *Éclaircissements et variantes* da já citada edição, associam os seguintes trechos de cartas de Baudelaire: "Você me diz que eu trabalho muito. É uma gozação cruel? Muita gente, sem contar eu mesmo, acha que eu não faço grande coisa. Trabalhar é trabalhar sem parar: é não ter mais sentido(s), mais devaneio, e é ser uma pura vontade sempre em movimento. Eu chegarei a isso talvez." (*A Gustave Flaubert*, 26 de junho de 1860). "Tudo o que vou fazer, ou tudo o que espero fazer este ano, eu teria devido e teria podido fazê-lo neste que acabou de passar. Mas estou atacado por uma terrível doença, que nunca me devastou tanto quanto este ano, quero dizer: o devaneio, o marasma, o desânimo e a indecisão." (*A sua mãe*, 31 de dezembro de 1863). (BAUDELAIRE, 1952, p. 222).

a de imaginar (ambas essenciais para o poeta ou o ficcionista), ou seja: se ele reconhece nos efeitos do haxixe um instrumento ou uma possível "máquina para pensar" ("*machine à penser*"), ele faz em seguida a observação de que "(...) o haxixe não revela ao indivíduo nada senão o próprio indivíduo" (BAUDELAIRE, 1966, p. 70-71), isto é: ele apenas amplia e intensifica qualidades já presentes no indivíduo (funcionando, pois, como o vinho, segundo uma imagem antiga, ao modo de um espelho), não podendo, portanto, alterar ou modificar completamente nenhuma personalidade, nem criar milagrosamente coisa alguma a partir do nada (*ex nihilo*). Mas se, segundo Baudelaire, a memória destes estados em que o indivíduo é "elevado ao cubo" ("*cube*") e "levado ao extremo" ("*poussé à l'extrême*") "sobrevive à orgia" (BAUDELAIRE, 1966, p. 71) – algo com o que nem todo usuário de maconha estaria de acordo –, a esperança de uma utilização positiva destes efeitos talvez não seja infundada. Baudelaire faz então uma segunda reserva (como se atento ao poder de ilusão desta mesma capacidade de intensificação):

Mas eu lhes pedirei para observar que os pensamentos dos quais eles contam tirar um tão grande partido, não são realmente tão belos quanto parecem sob seu traves-timento momentâneo e recobertos de ouropéis mágicos. Eles se aparentam antes com a terra do que com o céu, e devem uma grande parte de sua beleza à agitação nervosa e à avidez com a qual o espírito se lança sobre eles. (BAUDELAIRE, 1966, p. 71)

A crítica decisiva, porém, é outra: ela concerne à possibilidade mesma de utilização do material levantado pela embriaguez, pois utilizar (como quando, por exemplo, do registro ou da escrita) implica em agir, e é justamente a capacidade de ação (ou antes o que a move: a vontade) o que é mais atingido e deteriorado pela embriaguez. "A vontade sobretudo é atacada, de todas as faculdades a mais preciosa." (BAUDELAIRE, 1966, p. 68). A descrição do dia seguinte ou da ressaca do haxixe (comparados aos "restos melancólicos de uma festa") é aqui um eloquente e amargo ponto de partida: "todos os órgãos relaxados, cansados, os nervos distendidos" (*Ibidem*), "um grande languor, ao qual não falta charme, [e que] toma conta de teu espírito" (BAUDELAIRE, 1966, p. 184) resultam em ser "incapaz de trabalho e de energia na ação" (*Ibidem*) e na "impossibilidade de se aplicar em um trabalho seguido" (BAUDELAIRE, 1966, p. 68), ou seja: em uma dispersão [correspondente ao "grande gasto de fluido nervoso" e ao lançamento da "personalidade aos quatro ventos" (BAUDELAIRE, 1966, p. 184)] e uma dificuldade de "rejunta" e "concentrar" (*Ibidem*) a personalidade. Donde, portanto, o seguinte balanço endereçado aos ingênuos que ainda esperam algo do uso: "admitamos um instante que o haxixe dê, ou ao menos aumente o gênio, eles esquecem que é da natureza do haxixe diminuir a vontade, e que assim ele concede de um lado o que ele retira do outro, isto é: a imaginação sem a faculdade de se aproveitar dela." (BAUDELAIRE, 1966, p. 71).

Ora, segundo Baudelaire, isso explica porque alguém, como Balzac, um homem de ação preocupado em criar uma obra (apesar de obviamente curioso quanto aos efeitos para ele desconhecidos do ha-

xixe), tenha renunciado até mesmo a experimentar a droga: “Balzac pensava sem dúvida que não há para o homem maior vergonha nem mais vivo sofrimento do que a abdicação de sua vontade.” (BAUDELAIRE, 1966, p. 69). Baudelaire não fará, porém, como o próprio Balzac o fez no seu breve “tratado sobre os excitantes modernos”, o elogio da droga cujos efeitos quanto a isso seriam o inverso do haxixe: o café, que desperta para a ação, mas que, tomado em excesso durante muito tempo, como sabemos pela biografia do mesmo Balzac, pode também matar. Ao haxixe Baudelaire contrapõe a produtividade – de que podemos também desconfiar – do vinho. Se, portanto, Baudelaire compara o uso do haxixe “a um suicídio lento, a uma arma sempre sangrenta e sempre afiada” (BAUDELAIRE, 1966, p. 70), ele sugerirá como único meio são e eficaz de acesso a estados inspirados ou ao êxtase (um paraíso não artificial) “o trabalho sucessivo e a contemplação”, ou seja, “o exercício assíduo da vontade e a nobreza permanente da intenção” (BAUDELAIRE, 1966, p. 72), ou ainda, para falar a linguagem tradicional dos monges – que Ernst Jünger julgava anacrônica (cf. JÜNGER, 1974, p. 330-331) –, os “longos jejuns” e as “orações assíduas”. (BAUDELAIRE, 1966, p. 70).

Um último elemento negativo do haxixe (afetando também o trabalho em sua necessária cota de sociabilidade) é, em contraposição ao vinho (que torna sociável), o seu caráter *isolante*: “Acrescentarei que o haxixe, como todas as alegrias solitárias, torna o indivíduo inútil aos homens e a sociedade supérflua para o indivíduo, levando-o a se admirar a si mesmo continuamente e o precipitando dia a dia em direção ao abismo luminoso onde ele admira sua face de Narciso?” (BAUDELAIRE, 1966, p. 70).

Sei que este balanço final de Baudelaire pode levantar suspeitas (não seria afinal algo como um ato de contrição de um usuário arrependido?) ou parecer muito carola e moralista nos dias de hoje, mas, tomado à letra e seriamente, não renunciaria ele (apesar de algumas diferenças) a posição lúcida e sóbria de um grande e incansável escritor do século XX, conhecido sobretudo pelas descrições minuciosas e precisas de seus experimentos com a mesalina (mas também com o haxixe): Henri Michaux? Eis o que este nos diz no posfácio de *Misérable miracle* (visando aos que seriam “tentados a julgar o conjunto de seus escritos como a obra de um drogado”):

Eu sou antes do tipo bebedor de água. Jamais destilados. Nenhum excitante, e já há muitos anos nenhum café, nenhum tabaco, nenhum chá. Muito de vez em quando vinho, e pouco. Desde sempre, e de tudo o que se toma, pouco. Tomar e se abster. Sobre tudo se abster. O cansaço (*fatigue*) é minha droga, se se quer saber. (MICHAX, 1972, p. 170).

2ª Parte

Desejo de higiene e dispersão em Baudelaire

Mas talvez possamos duvidar de que esta dieta ideal de trabalho, orações e abstinência de drogas, tal como formulada na conclusão do ensaio sobre o haxixe, tenha sido de fato incorporada à existência cotidiana de Baudelaire após a publicação em 1860 de *Les paradis artificiels* – ou de

⁶ O tema da “concentração produtiva” (em contraposição à dispersão mundana) do artista, ganha um retrato moral positivo na figura de Delacroix esboçada por Baudelaire no ensaio “L’œuvre et la vie d’Eugène Delacroix” (“A obra e a vida de Eugène Delacroix”). Primeira e indiretamente na descrição do seu estilo (ao qual mimeticamente poderia ser associado o do próprio Baudelaire moralista dos *Journaux intimes*): “O que marca mais visivelmente o estilo de Delacroix é a concisão da concentração de todas as forças espirituais em um ponto dado. ‘The hero is he who is immovably centred’, diz o moralista de ultramar Emerson (...). Poder-se-ia dizer também: ‘O herói literário, isto é: o verdadeiro escritor, é aquele que está imóvelmente concentrado.’ Não vos parecerá então surpreendente, senhor, que Delacroix tivesse simpatia muito pronunciada pelos escritores concisos e concentrados, aqueles cuja prosa pouco carregada de ornamentos tem o ar de imitar os movimentos rápidos do pensamento, e cuja frase parece um gesto, Montesquieu, por exemplo.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 834).

Mas é na descrição do gosto de Delacroix pelo isolamento e pela disponibilidade total para o trabalho criativo que Baudelaire incide mais diretamente sobre o tema da “concentração produtiva” (traçando algo idealmente um regime de vida ao qual ele mesmo, Baudelaire, sempre teve grandes dificuldades de se ajustar). “Se jamais algum homem teve uma *torre de marfim* bem defendida pelas grades e pelas fechaduras, este foi Eugène Delacroix. Quem amou mais sua *torre de marfim*, isto é: o segredo (o esconderijo)? (...) Como outros procuram o segredo (o esconderijo) para a farra (*débauche*), ele procura o segredo (o esconderijo) para a inspiração, e aí se entrega a verdadeiras orgias de trabalho. ‘*The one prudence in life is concentration; the one evil is dissipation*’, diz o filósofo americano que já citamos.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 838). E, enfim, este relato exemplar: “Um dia, como conversássemos sobre esta questão sempre tão interessante para os artistas e os escritores, a saber: a higiene do trabalho e a conduta da vida, ele me diz: ‘Outrora, na minha juventude, eu não podia começar a trabalhar senão quando eu tinha a promessa de um prazer para a noite, música, baile, ou não importa qual outro divertimento. Mas hoje, eu não sou mais semelhante aos estudantes, eu posso trabalhar sem cessar e sem nenhuma esperança de recompensa.’ (...) A verdade é que, nos últimos anos de sua vida, tudo o que se chama prazer tinha dela desaparecido, um único, áspero, exigente, terrível,

que, como no caso de Thomas De Quincey, a escrita mesma dos *Paradis artificiels* (e não a diminuição progressiva das doses) pudesse ter funcionado como o único meio eficaz de cura ou libertação do vício, assim como sugere Michel Butor: “(...) de Quincey só conseguiu se liberar de seu delicioso ópio, tornado um tirano atroz, escrevendo suas *Confissões*” (BUTOR, 1960, p. 119) – já que em 1862 Baudelaire, no breve conjunto intitulado “Hygiène” de seus *Journaux intimes* (que Jacques Crépet, em sua edição de 1938, pela primeira vez, a partir de indicações nos manuscritos, restituiu ao bloco de *Fusées*, retirando-o do fim de *Mon cœur mis à nu* onde foi e ainda é colocado por outros editores²), repete desesperada e insistentemente a proposição de um regime de vida, ou seja: de uma dieta (ou higiene), muito semelhante à virtuosamente formulada, após a crítica aos efeitos do haxixe, na conclusão do ensaio sobre esta droga, revelando assim por seu desejo imperioso ou necessidade desta dieta precisamente a ausência do que é desejado e, portanto, um estado anímico cuja fraqueza de vontade, incapacidade de ação e dispersão (análogas às causadas pelo haxixe, ainda que não necessariamente causadas por ele) devem ser corrigidos por ela.³

Um *collage* básico de citações de “Hygiène”, se bem arranjado, pode ser aqui a mais eloqüente demonstração do que acabei de sugerir. No 1º bloco lemos: “Após uma farra (*débauche*), alguém se sente sempre mais só, mais abandonado.” “No moral como no físico, sempre tive a sensação do abismo (...)” “Cultivei minha histeria com gozo e terror. Agora eu sinto sempre vertigem, e hoje, 23 de janeiro de 1862, experimentei um singular aviso: senti passar sobre mim *o vento da asa da imbecilidade*.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 401). No 2º bloco o seguinte: “Quantos pressentimentos e signos enviados já por Deus de que é *grandemente tempo* de agir, de considerar o minuto presente como o mais importante dos minutos, e de fazer minha *perpétua volúpia* de meu tormento ordinário, isto é: do Trabalho!” (*Ibidem*). E no 3º: “A cada minuto somos esmagados pela idéia e a sensação do tempo. E há apenas dois meios para escapar deste pesadelo – para esquecê-lo: o prazer e o trabalho. O prazer nos gasta. O trabalho nos fortifica. Escolhamos. Quanto mais nos servimos de um destes meios, mais o outro nos inspira repugnância.” (*Ibidem*).

Na seqüência, duas incitações à ação imediata, por meio da crítica à procrastinação: “Não há obra longa senão aquela que não se ousa começar. Ela se torna pesadelo.” “Adiando o que se tem a fazer, corre-se o perigo de jamais poder fazê-lo. Não se convertendo imediatamente, corre-se o risco de ser condenado.”⁴ (BAUDELAIRE, 1980, p. 402). E no penúltimo bloco esta crítica à hesitação: “Todo recuo da vontade é uma parcela de substância perdida. Como, portanto, é pródiga a hesitação! E que se julgue a imensidade do esforço final necessário para reparar tantas perdas!” (BAUDELAIRE, 1980, p. 403).

E, ponto de honra, a enorme e repetitiva lista de exortações ao trabalho, que passamos a exemplificar. “Para curar de tudo, da miséria, da doença e da melancolia, não falta absolutamente senão o *gosto do trabalho*.” “Se você trabalhasse todos os dias, a vida te seria mais suportável. Trabalhe *seis* dias sem relaxar.” – A única maneira de ganhar dinheiro é trabalhar de uma maneira desinteressada. – Uma sabedoria abreviada. Toalete, oração, trabalho.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 402).

“Trabalhar de 6 horas da manhã ao meio-dia, em jejum. Trabalhar às cegas, sem objetivo, como um louco. Veremos o resultado.” “Suponho que eu associo meu destino a um trabalho não interrompido de várias horas.” “Ainda não conheci o prazer de um plano realizado.” “Trabalho imediato, mesmo ruim, vale mais do que o devaneio (*rêverie*).”⁷ “Uma seqüência de pequenas vontades faz um grande resultado.” “O trabalho engendra necessariamente bons costumes, sobriedade e castidade, conseqüentemente saúde, riqueza, gênio sucessivo e progressivo, e caridade. *Age quo agis*.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 403).

No fim do penúltimo bloco, antes de uma receita e posologia de um xarope de líquen da Islândia, encontramos a proposição da seguinte dieta (cujo último elemento, sublinhado por mim, é retomado também como último elemento das “regras eternas” de sua vida): “Peixe, banhos frios, duchas, líquen, pastilhas ocasionalmente; aliás *supressão de qualquer excitante*.” (*Ibidem*).

Vejamos, enfim, resumidamente, o último e fervoroso bloco:

Juro a mim mesmo tomar doravante as regras seguintes por regras eternas da minha vida: Fazer todas as manhãs *minha oração a Deus, reservatório de toda força e de toda justiça, a meu pai, a Mariette e a Poe*, como intercessores; suplicar-lhes que me comuniquem *a força necessária* para cumprir todos meus deveres, e que concedam à minha mãe *uma vida bastante longa* para gozar da minha transformação; trabalhar durante todo o dia, ou ao menos *o quanto minhas forças mo permitirão*; (...) fazer todas as noites uma nova oração, para pedir a Deus a vida e a força para minha mãe e para mim; (...) – obedecer aos princípios da mais estrita sobriedade, dos quais o primeiro é a supressão de todos os excitantes, quaisquer que eles sejam... (BAUDELAIRE, 1980, p. 404).

Assim, pois, os efeitos do haxixe não seriam apenas análogos a – e, por isso, *Ersatz* de – alguns processos de composição poética (como o sugere Michel Butor em seu já citado ensaio), mas também, quando da ressaca, uma imagem funesta da disposição melancólica moderna a que Baudelaire dá o nome de *spleen* (e que os monges medievais chamavam de *acedia*) e que impregna com sua ambígua e perigosa negatividade boa parte de sua obra. Nos *Petits poèmes en prose*, mais precisamente em “La chambre double” (“O quarto duplo”), encontramos uma descrição transfigurada (ou ficcional) de uma cena no quarto de um poeta, descrição que parece advertir também contra os riscos dos devaneios (e do uso de drogas). Em meio a um devaneio poético, o narrador ouve alguém batendo à porta e pensa, paranoicamente voltando ao real, que pode ser um policial ou agente da justiça, velando pela lei, uma infame concubina que vem demandar a atenção dele para trivialidades, ou ainda um diretor de jornal reclamando a seqüência de um manuscrito. O devaneio é então destruído, revelando o horror da real situação deste escritor:

Horror! Eu me lembro! Eu me lembro! Sim, este pardieiro, esta morada do eterno tédio, é bem o meu. Eis aqui os móveis bobos, poeirentos, escornados; a lareira sem chama e sem brasa, manchada de cuspidas; as tristes janelas onde a chuva

tendo-os substituído a todos, o trabalho, que então não era mais somente uma paixão, mas teria podido se chamar um furor. Delacroix, após ter consagrado as horas do dia a pintar, seja em seu ateliê, seja sobre os andaimes onde o chamavam seus grandes trabalhos decorativos, encontrava ainda forças em seu amor pela arte, e ele teria julgado este dia mal preenchido se as horas da noite não tivessem sido empregadas ao canto do fogo, à luz de uma lâmpada, em desenhar, em cobrir o papel de sonhos, de projetos, de figuras entrevistas nos acasos da vida, algumas vezes em copiar desenhos de outros artistas cujo temperamento era o mais distanciado do seu; pois ele tinha a paixão das notas, dos croquis, e se entregava a isso em qualquer lugar em que estivesse.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 839).

⁷ “Fugindo dos credores, filiou-se a cafés e a clubes de leitores. Chegou até a ocorrer que morasse a uma só vez em dois domicílios, mas, nos dias em que vencia o aluguel, ele com freqüência pernoitava em casa de um terceiro ou na de amigos. Assim, ele vagabundeava por uma cidade que há muito já não era mais a pátria [nem o lar] do *flâneur*. Cada cama em

que se deitava havia se tornado para ele um ‘*lit hasardeux*’. Crépét conta entre 1842 e 1858 catorze endereços de Baudelaire em Paris.” (BENJAMIN, “O *flâneur*”, 1985, p. 75, tradução modificada). Ver também o projeto consignado em nota de *Mon cœur mis à nu*: “Estudo da grande doença do horror ao domicílio. Razões da doença. Crescimento progressivo da doença.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 413).

⁸ “Prarond, amigo de juventude de Baudelaire, rememorando a época por volta de 1845, escreve: ‘Escrivaninhas, junto às quais nós pensássemos ou escrevêssemos, eram algo pouco usado entre nós (...)’ (Apud SÉCHÉ, Alphonse, *La vie des ‘Fleurs du Mal’*. Amiens, 1928, p. 84). De modo semelhante, Banville relata sobre a fase do Hotel Pimodan: “Quando fui lá pela primeira vez, não encontrei dicionários, escritório nem sequer uma escrivaninha; tampouco havia um *buffet* ou uma saleta para refeições ou qualquer coisa que lembrasse as instalações de uma moradia burguesa.” (BANVILLE, Théodore de. *Mes souvenirs*. Paris, 1882, p. 81-82). (BENJAMIN, “A modernidade”, 1985, p. 95).

⁹ A presença das dívidas e dos credores – já tematizada ironicamente em 1845 na crônica-ficção “Comment on paie ses dettes” (“Como se paga suas dívidas”) – é uma constante insistente nas notas e correspondência dos últimos dez anos de vida de Baudelaire [onde cabe ressaltar, por exemplo, a estadia prolongada em Bruxelas – de que resultará *Pauvre Belgique!* – motivada sobretudo pelo medo

traçou sulcos na poeira; os manuscritos, rasurados ou incompletos; o almanaque onde o lápis marcou as datas sinistras!

E este perfume de um outro mundo, com o qual eu me embriagava com uma sensibilidade aperfeiçoada, *hélas!* é substituído por um fétido odor de tabaco misturado a não sei qual mofo nauseabundo. Respira-se aqui agora o ranço da desolação.

Neste mundo estreito, mas tão cheio de nojo, um único objeto conhecido me sorri: a garrafinha de *laudanum*; uma velha e terrível amiga; como todas as amigas, *hélas!* fecunda em carícias e traições.

Oh! Sim! o Tempo reapareceu; o Tempo reina soberano agora; e com o hediondo velhinho voltou todo seu demônio cortejo de Lembranças, Remorsos, Espasmos, Medos, Angústias, Pesadelos, Cóleras e Neuroses.

Eu vos asseguro que os segundos agora estão forte e solenemente acentuados, e cada um esguichando do pêndulo, diz: ‘– Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida!’ (BAUDELAIRE, 1980, p. 164).

Não menos ruínosa, no entanto, se deslocada para o *homme des lettres*, é a dispersão desgastante em relações públicas ou mundanas, necessárias à consecução da sua carreira (suas glórias) ou à mera obtenção de algum dinheiro, mas que lhe retiram todo o lazer indispensável à concentração na composição da própria obra, tal como o testemunha transfiguradamente o pequeno poema em prosa de Baudelaire “A une heure du matin” (“A uma hora da manhã”), momento em que o exausto narrador chega da grande cidade em casa e pode enfim desfrutar o repouso de um pouco de silêncio e solidão, horrorizado recapitulando então as tristes ocupações inúteis de um dia ordinário:

Horrível vida! Horrível cidade! Recapitulemos o dia: ter visto vários homens de letras (...); ter discutido generosamente com o diretor de uma revista (...); ter cumprimentado uma vintena de pessoas, das quais quinze me são desconhecidas; ter distribuído apertos de mão na mesma proporção, e isso sem ter tomado a precaução de comprar luvas; (...) ter feito a corte a um diretor de teatro, que me disse ao se despedir de mim: ‘Você talvez faria bem em se dirigir a Z...; é o mais pesado, o mais bobo e o mais célebre de todos meus autores, com ele você poderia talvez chegar a alguma coisa. Vá vê-lo, e depois nós veremos’; ter-me vangloriado (por que?) de várias ações vis que jamais cometi, e ter covardemente negado algumas outras más ações que realizei com alegria (...); ter recusado a um amigo um serviço fácil, e dado uma recomendação escrita a um perfeito imbecil; ufa! será que terminou? (BAUDELAIRE, 1980, p. 168).

Em meio ao cansaço e ao descontentamento, recompondo-se aos poucos “no silêncio e na solidão da noite”, o narrador (deste poema

de Baudelaire) formula então a súplica desesperada de ainda conseguir compor alguma boa poesia: "(...) Senhor meu Deus! concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem a mim mesmo que eu não sou o último dos homens, que eu não sou inferior àqueles que desprezo." (*Ibidem*). Aproximando-se de um Nietzsche, por seu tom individualista aristocrático, o narrador do pequeno poema em prosa de Baudelaire "La solitude" ("A solidão") retoma a tradição dos bons moralistas franceses, ao concluir:

Esta grande infelicidade de não poder estar só!..., diz em algum lugar La Bruyère, como para envergonhar todos aqueles que correm para se esquecer na multidão, temendo sem dúvida não poder se suportar a si mesmos.

'Quase todas nossas infelicidades nos vêm de não ter sabido permanecer em nosso quarto', diz um outro sábio, Pascal, como creio, re-chamando assim à célula do recolhimento todos estes perturbados que procuram a felicidade no movimento e em uma prostituição que eu poderia chamar de *fraternitária*, se eu quisesse falar a bela língua de meu século. (BAUDELAIRE, 1980, p. 183).

Uma máxima de *Fusées* poderia, enfim, ser justaposta a estas três citações destes dois pequenos poemas em prosa, concluindo esta série ou *collage*: "O gosto da concentração produtiva deve substituir, no homem maduro, o gosto da deterioração." (BAUDELAIRE, 1980, p. 390).⁶

Em Baudelaire está em crise contínua todo um modo de vida marcado como sabemos (p. ex., pelos estudos de W. Benjamin), por constantes mudanças de domicílio,⁷ pela ausência dos mínimos instrumentos necessários ao trabalho intelectual (dicionários ou mesmo uma escrivãinha),⁸ por dívidas e perseguições dos credores,⁹ mas também e sobretudo pela ausência de uma rotina de trabalho proporcionada por um emprego fixo, assim como por uma certa disponibilidade ou vazio que o leva a identificar-se com tipos sociais marginais (ao trabalho organizado) como o *flâneur*, o *dandy*, o apache e o *chiffonnier*. A difícil ou insolúvel questão objetiva que se coloca é a do lugar social do poeta ou a de como ele poderia viver do seu trabalho de poeta sem renunciar à qualidade da poesia (que pressupõe o *otium*) em uma sociedade industrial de mercado.¹⁰ Baudelaire era bem consciente desta dificuldade e da perigosa ambigüidade de sua situação, tal como o mostra um bloco de prosa de *Mon cœur mis à nu*: "É por meio do lazer que eu, em parte, cresci. Em meu grande detrimento; pois o lazer, sem fortuna, aumenta as dívidas, as avanças resultando das dívidas. Mas em meu grande proveito, relativamente à sensibilidade, à meditação, e à faculdade do dandismo e do diletantismo. Os outros homens de letras são, em sua maior parte, vis picaretas muito ignorantes." (BAUDELAIRE, 1980, p. 419). Um balanço análogo se dá entre esses dois fragmentos de *Mon cœur mis à nu*: "O que há de vil em uma função qualquer. Um dandy não faz nada." (BAUDELAIRE, 1980, p. 410). E o bloco intitulado *Dandismo*: "O que é o homem superior? Não é o especialista. É o homem do lazer e da educação geral. Ser rico é amar o trabalho." (BAUDELAIRE, 1980, p. 413).

dos credores em Paris – Cf. *Vie de Charles Baudelaire*: "1864. Outubro: Acessos de febre todas as noites. Parece que somente o medo dos seus credores o retém na Bélgica, onde tudo lhe é odioso." (BAUDELAIRE, 1980, p. 941)]. No bloco "*Hygiène*", por exemplo, ele anota: "Duas partes: Dívidas (Ancelle). Amigos (*minha mãe, amigos, eu*). Assim 1.000 francos devem ser divididos em duas partes de 500 francos cada uma, e a segunda dividida em três partes. *Em Honfleur*. Fazer uma revisão e classificação de todas minhas *cartas* (dois dias). E de todas minhas dívidas (dois dias). (Quatro categorias, *notas de dinheiro, grandes dívidas, pequenas dívidas, amigos.*") (BAUDELAIRE, 1980, p. 402). E, depois, nas a partir de então "regras eternas" de sua vida: "(...) dividir tudo que ganharei em quatro partes – uma para a vida ordinária, uma para meus credores, uma para meus amigos e uma para minha mãe." (BAUDELAIRE, 1980, p. 404). Nos "Extratos do Carnet", além dos nomes de alguns credores recorrentemente citados (Aglaré, Hetzel, Ancelle,

Malassis), encontra-se registro até de “pequenas dívidas urgentes” como: “lavadeira – 20 / Sapatos – 14 / Gravata/Meias/ Chapéu – 20 / Restaurantes – 10 / Tabaco – 1,50 / Taverna – 3,40” (BAUDELAIRE, 1980, p. 428). Enfim, a célebre e patética carta a mãe de 6 de maio de 1861 é atravessada pela questão das dívidas: “Por que o suicídio? É por causa das dívidas? Sim, e no entanto as dívidas podem ser dominadas. É sobretudo por causa de um cansaço horrível que resulta de uma situação impossível *demasiado prolongada*. Cada minuto me mostra que eu não tenho mais gosto pela vida.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 923). “Eu ganho um pouco de dinheiro, é verdade; se eu não tivesse dívidas, e se eu não tivesse *mais fortuna*, EU ESTARIA RICO, medite bem esta palavra. (...) Todo este dinheiro foge em uma existência gastadora e malsã (pois eu vivo muito mal) e no pagamento ou antes a amortização insuficiente de velhas dívidas (...)”. (BAUDELAIRE, 1980, p. 924).

¹⁰ Segundo Walter Benjamin: “Na realidade, tal quadro [i.e.: o quadro da sua vida] é determinado por ter ele, primeiro e de modo mais radical, estado consciente do fato de que a burguesia estava para retirar o encargo que conferira ao poeta. Qual é o encargo social que poderia entrar em seu lugar? Isto não pode ser perguntado a nenhuma classe; isto precisava antes ser deduzido a partir do mercado e das suas crises. O que preocupava Baudelaire não era a evidente demanda

Curiosamente é quando comenta em Baudelaire a imagem do ritmo embalador dos barcos no porto que Walter Benjamin toca nesta ameaçadora e crítica duplicidade: “Nos barcos se reúnem a *nonchalance* e a pronta disposição para uma potência extrema. O que lhes confere uma significação secreta. Há uma constelação especial em que também no homem se unem grandeza e indolência. E esta constelação é a que impera sobre a existência de Baudelaire. Ele a decifrou e a chamou de “o moderno”. E quando se perde no espetáculo dos barcos no ancoradouro, o faz para deles retirar uma comparação. O herói é tão forte, tão inspirado, tão harmônico, tão bem construído quanto esses veleiros. Mas o alto-mar em vão acena para ele. Pois uma má estrela guia a sua vida. O moderno revela-se como a sua catástrofe. Nele o herói não está previsto: o moderno não tem nenhum emprego para esse tipo de gente. Ele o amarra para sempre seguramente no porto; ele o entrega a uma eterna ociosidade.” (BENJAMIN, “A modernidade”, 1985, p. 117-118, tradução modificada).

Eis o aparente paradoxo: Baudelaire se assignou a moderna missão heróica de dar forma ou registro poético precisamente a esta sua precária e melancólica situação de vida. Analogamente W. Benjamin, em seu terceiro ensaio de *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*, se pergunta a respeito da ambigüidade da poesia dos apaches: “Os heróis da grande cidade são imundície? Ou não é antes herói o poeta que edifica sua obra com essa matéria?” (BENJAMIN, 1972, p. 98-99). De algum modo podemos duvidar também da gratuidade da coincidência entre os efeitos anímicos nefastos da ressaca do haxixe e aqueles, sóbria e majestosamente descritos, do *spleen* (no poema de mesmo nome por Baudelaire). Erich Auerbach, em “*As flores do mal* e o sublime”, diz o seguinte sobre estes últimos: “O *spleen* de nosso poema é desespero sem remédio; não pode ser reduzido a causas concretas ou aliviado de alguma maneira. (...) Ele escreveu em estilo elevado sobre a ansiedade paralisante, sobre o pânico diante do emaranhado sem esperança de nossas vidas, sobre o colapso total – um empreendimento altamente honroso, mas também uma negação da vida.” (AUERBACH, 2000, p. 87). Reencontramos, por exemplo, no poema *Le mauvais moine*, citado na seqüência de seu ensaio por E. Auerbach, o desespero, a solidão bruta e a ociosidade adivinháveis também na conclusão (“Morale”) do ensaio sobre o haxixe e no bloco “Higiene” dos *Journaux intimes*:

Mon âme est un tombeau que, mauvais cénobite,
Depuis l'éternité je parcours et j'habite;
Rien n'embellit les murs de ce cloître odieux.
O moine fainéant! quand saurais-je donc faire
Du spectacle vivant de ma triste misère
Le travail de mes mains et l'amour de mes yeux?¹¹

Mas é o comentário de E. Auerbach a estes versos o que talvez ilumine melhor as íntimas *correspondances* entre a ressaca do haxixe e o *spleen* ou “*miséria cinza*” (assim como nossas não verificáveis suspeitas de que Baudelaire poderá eventualmente ter continuado, não só antes e durante a escritura, mas mesmo após a publicação de *Les paradis artificiels*, a fazer algum uso interessado da droga, ou – o que é certo – ter continuado se comportando como se sob o efeito de seu uso):

É característico da ‘miséria cinza’ que ela nos deixa incapacitados para qualquer atividade. Mesmo aqueles que lidam com tais depressões com mais êxito do que Baudelaire têm de se esforçar ao máximo para levar adiante qualquer atividade rotineira; a maior parte deles é auxiliada por seu ambiente ou por alguma ocupação que os obriga a fazer determinadas coisas em horas determinadas. Em muitos casos esse tipo de atividade ameniza ou supera a ‘miséria cinza’. Mas Baudelaire não pertencia a nenhum ambiente nem tinha alguma ocupação que demandasse uma atividade regular. Em vez disso, ele exigiu de si mesmo algo bem mais difícil, algo quase impossível – e conseguiu: lutava para transformar sua *triste misère* em poesia, para saltar diretamente de sua miséria para o sublime – *d'en faire le travail de ses mains* e também *l'amour de ses yeux*. Sua paixão por expressar a si mesmo conduziu-o a uma luta sem tréguas com sua ‘miséria cinza’, uma batalha em que ele foi várias vezes vitorioso; não sempre, nem o bastante para expulsá-la completamente; pois, por mais estranho que pareça, a ‘miséria cinza’ não era apenas o inimigo, mas também o começo e o objeto de sua atividade. (AUERBACH, 2000, p. 88).¹²

Uma passagem do bloco X de *Fusées* parece formalizar, em uma generalização estética, precisamente o paradoxo desta ambígua e arriscada relação – apontada por Auerbach no plano existencial da produção da obra de Baudelaire – entre a melancolia (ou “miséria cinza”) e a sua poesia: “Eu não pretendo que a Alegria não possa se associar com a Beleza, mas digo que a Alegria é um de seus ornamentos mais vulgares; enquanto a Melancolia é por assim dizer a sua ilustre companheira, a tal ponto que já não concebo (meu cérebro seria um espelho enfeitado?) um tipo de Beleza onde não haja *Infelicidade*.” (BAUDELAIRE, 1980, p. 394).

Bibliografia

- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Do uso profano da *cannabis*. In: *Ociografias*. Belo Horizonte: Edição independente, 1993, p. 67-94.
- AUERBACH, Erich. *As flores do mal* e o sublime. Tradução de José Marcos Macedo e Samuel Titan Jr. *Inimigo Rumor*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 83-100, maio 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. *Juvenilia – Œuvres Posthumes – Reliquæ des Œuvres complètes vol. II* (ed. Jacques Crépét et Claude Pichois). Paris: Éditions Louis Connard, 1952.
- BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes* (notice et notes de Michel Jamet). *Bouquins Laffont*. Paris: Robert Laffont, 1980.
- BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes* (texte établi et annoté par Y.-G. Le Dantec). *Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Gallimard, 1951.

a curto prazo, mas a demanda latente a longo prazo. As *Fleus du mal* demonstram que ele a avaliara corretamente. Mas o mercado em que ela podia ser reconhecida determinava um modo de produção e mesmo um modo de viver que eram muito diferentes dos dos poetas anteriores. Baudelaire via-se obrigado a reivindicar a dignidade do poeta numa sociedade que não tinha mais nenhuma dignidade a conceder.” (BENJAMIN, “Parque central”, 1985, p. 130).

¹¹ Eis a tradução (sem “nenhuma pretensão poética” e visando “apenas a comodidade do leitor brasileiro”) destes versos de Baudelaire pelos tradutores do ensaio de E. Auerbach: “Minha alma é um túmulo que, mau cenobita,/ desde a eternidade eu percorro e habito;/ nada embeleza as paredes deste claustro odioso./ Ó monge ocioso! Quando afinal conseguirei fazer/ do espetáculo vivo de minha triste miséria/ o trabalho de minhas mãos e o amor de meus olhos?” (AUERBACH, 2000, p. 88).

BAUDELAIRE, Charles. *Les paradis artificiels*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

BENJAMIN, Walter. II – El “flâneur”; III – Lo moderno. In: La Paris del Segundo Imperio en Baudelaire. In: *Iluminaciones II – Baudelaire: Un poeta en el esplendor del capitalismo*. Tradução de Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1972, p. 49-83 e p. 85-120.

BENJAMIN, Walter. II – O flâneur; III – A modernidade. In: A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: *Walter Benjamin*. Organização e tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985, p. 65-92 e p. 92-122.

BENJAMIN, Walter. Parque Central. In: *Walter Benjamin*. Organização e tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985, p. 123-152.

BENJAMIN, Walter. II – Der Flaneur; III – Die Moderne. In: Das Paris des Second Empire bei Baudelaire. In: *Abhandlungen – Gesammelte Schriften Band I-2* (suhrkamp taschenbuch wissenschaft). Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991, p. 537-569 e p. 570-604.

BENJAMIN, Walter. Zentralpark. In: *Abhandlungen – Gesammelte Schriften Band I-2* (suhrkamp taschenbuch wissenschaft). Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991, p. 655-690.

BUTOR, Michel. *Les paradis artificiels*. In *Répertoire I*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1960, p.115-119.

ELIOT, T. S. Baudelaire. In: *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 207-221.

JÜNGER, Ernst. A propos du haschisch. In: *Approches: drogues et ivresses*. Tradução de Henri Plard. Paris : Gallimard, p. 325-332.

MICHAUX, Henri. Postface. In: *Misérable miracle. Collection Poésie*. Paris: Gallimard, 1972, p. 169-170.

¹² Em um ensaio (“Baudelaire”) suscitado pela primeira publicação em inglês dos *Journals intimes*, em que figura como introdução – Baudelaire Ch., *Intimate Journals*, trad. Christopher Isherwood. London: The Blackmore Press / New York: Random House, 1930 – T. S. Eliot parece se aproximar desta formulação de Erich Auerbach, ainda que seus termos sejam mais genéricos (“morbidez”, “fraqueza”) e ele não nomeie o *spleen* ou o *ennui*: “Poderíamos nos extraviar se considerássemos o temperamento mórbido de Baudelaire uma doença desastrosa que pode ser descontada ou se tentássemos extirpar o que há de doentio do que é sadio em suas obras. *Sem a morbidez, nada em sua obra seria possível ou significativo* (...). Tinha o orgulho do homem que sente em si próprio grande fraqueza ou grande energia. Como era dotado de gênio, *não tinha nem a paciência nem a inclinação*, caso tivesse o poder, *para superar sua fraqueza; pelo contrário, explorava-a com propósitos teóricos*. A moralidade de semelhante comportamento pode ser tema para uma disputa sem fim; para Baudelaire, era o meio de liberar sua mente e nos oferecer o legado e a lição que deixou.” (ELIOT, 1989, p. 211. Os itálicos são meus.)